

SECCÕES

Atualidades



Asclépio cura os dentes. Relevo de Aquino. Museu Nacional, Atenas

Esta Secção contará com textos que orientem a prática médica e acadêmica, resenhas, cursos, seminários, simpósios e congressos, realizados no Brasil e no mundo, concernentes à Bioética.

Este espaço destina-se, também, a divulgar a produção intelectual desenvolvida na área de Bioética em nosso país. Pretendemos, portanto, acolher as monografias, teses de mestrado e doutorado (desde que tenham sido submetidas à defesa pública), bem como textos editados na Academia e que nem sempre têm a merecida divulgação.

Esperamos, assim, construir uma base sólida de reflexões em Bioética

A PESQUISA EM MEDICINA, NA GRADUAÇÃO E NA PÓS-GRADUAÇÃO

Andy Petroianu

O médico é um pesquisador cujo trabalho reúne arte e ciência. No início, como estudante e residente, necessita ser orientado. Com o passar do tempo, a sua experiência muda esses papéis para um de maior responsabilidade: o de orientador. Para estar rodeado de discípulos não é necessário ser um professor formal, apenas ter boa experiência. Como orientador, o médico deve ter o bom-senso de perceber os limites e habilidades de cada discípulo, orientando-o não somente na Medicina e pesquisa, mas também na vida. O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre a relação orientador-discípulo na pesquisa médica. Considerações sobre cursos de graduação e pós-graduação, bem como teses e publicações de trabalhos científicos, estão também incluídas.

Unitermos: ética, pesquisa, Medicina, orientador, discípulo, graduação, pós-graduação, tese, publicação

Agradecemos ao professor dr. Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior o honroso convite para apresentarmos algumas reflexões sobre a Bioética em Medicina. As considerações feitas neste artigo têm como base a nossa experiência adquirida em 31 anos com a pesquisa, tanto como aluno como orientador.

A transitoriedade que caracteriza as verdades científicas, à medida que novas informações se somam aos conhecimentos temporariamente estabelecidos, também é válida para este escrito. No passado, já emitimos conceitos diferentes e é provável que o futuro nos faça ter outra visão sobre este tema.

A pesquisa e o pesquisador

Filosoficamente, a Ciência é considerada como um estilo de pensamento e de ação que busca solucionar os problemas surgidos nas atividades humanas ou originados no pensamento e que utiliza, como instrumento, a pesquisa. Esta, por ser criativa, pode ser considerada arte. Relação semelhante existe na Medicina, que, assim como a pesquisa, é arte e é ciência. Portanto, a Medicina é um tipo de pesquisa.

Persistindo nessa idéia, percebemos, em uma seqüência lógica, que o médico é em si um pesquisador. Tal afirmação não surpreende, pois todos os nossos atos profissionais estão dispostos na mesma ordem de uma pesquisa. Assim sendo, não procede o temor de alguns colegas ao se mencionar a palavra “pesquisa”, pois, à semelhança da “prosa” para o Burguês de Molière, nós, médicos, também passamos toda a vida “fazendo pesquisa”.

O verdadeiro médico-pesquisador, aquele que escolheu por aptidão essa atividade profissional, encontra nela o ideal de sua vida. Seu maior desafio é descobrir um interesse particu-

lar e manter-se nele, a despeito de qualquer opinião alheia. A persistência é a principal qualidade do pesquisador e a maior aliada para o progresso individual e conquista do respeito social. Sendo médico, o pesquisador deverá ter como prioridade a atuação junto ao doente, pois todo o seu trabalho tem como meta maior o benefício que pode trazer a quem sofre e dele precisa direta ou indiretamente. Tanto a pesquisa em laboratórios e institutos tecnológicos avançados quanto a relação humana direta com o doente devem reunir o talento profissional e a dedicação.

O pesquisador-orientador

A vivência profissional confere ao médico-pesquisador a condição de orientador. Cabe a esse médico diferenciado perceber a importância de seu papel junto a quem o procura e ter a sensibilidade paternal de conduzir uma pessoa insegura. Independentemente da idade, posição social ou nível profissional, aquele que se torna discípulo procura amparo e sabe que se coloca à mercê de alguém que poderá nortear-lo em muitos aspectos da vida, mas que também tem o poder de prejudicá-lo. Não é o orientador que procura discípulos, mas é o discípulo que honra a quem procura e prestigia como seu mestre. Perceba-se que não se mencionou o termo “professor”, pois essa ligação humana ultrapassa a mera docência e o profissional não precisa ser lente para orientar.

Ao orientador, é fundamental compreender os limites e aptidões de seus discípulos e jamais des-

SEÇÕES

respeitar os interesses pessoais de cada um. O orientando não pode ser considerado como alguém que veio trabalhar para o engrandecimento de seu mestre (atitude que muito contribuiu para o fim do “catedrático”). Cabe ao orientador o papel de conduzir cada discípulo, dentro de seu próprio caminho, para um ideal maior.

Aspectos da pesquisa na graduação

O estudante universitário está, de modo geral, na última fase da adolescência, época de maiores conflitos pessoais, decorrentes de grande insegurança que se reflete na agressividade, proporcional à busca por auto-afirmação. Faz parte desse contexto a inconstância, inclusive para o aprendizado. Em sua formação, muitos procuram a atividade de pesquisa, em laboratórios ou junto aos poucos professores que exercem essa função, obrigatória a todo docente universitário.

Alguns alunos são atraídos pela pesquisa apenas por considerá-la “diferente”; outros, por terem aptidão para esse aspecto da Medicina ou, ainda, visando melhorar o currículo. Mas todos devem ser bem recebidos pelos pesquisadores.

Constitui característica do jovem questionar e contrapor-se a “verdades estabelecidas”. Os profissionais mais experientes devem meditar sobre as dúvidas expostas pelos estudantes pois, ao contrário de serem, como muitos as consideram, “incômodas”, na maioria das vezes são pertinentes. Inúmeros avanços importantes em todas as áreas científicas tive-

ram por início questionamentos aparentemente cândidos. Cabe aos pesquisadores peritos estimular e respeitar as idéias dos jovens, pois podem contribuir para a renovação nas linhas de pesquisa ou apontar erros que estejam sendo cometidos.

Todos precisam mostrar, claramente, confiança nos jovens que os procuram, atribuindo-lhes responsabilidade dentro dos limites individuais. Ao aluno pode ser conferida uma das etapas de uma pesquisa maior ou, eventualmente, até lhe ser entregue um trabalho inteiro. Se houver necessidade de vigilância, que seja feita de forma discreta, para não magoar o espírito em busca de seu ser.

Colocar lado a lado pesquisadores experientes e jovens aprendizes é vantajoso para ambos: o estudante irá naturalmente aprender como conduzir uma pesquisa e os mais experientes poderão contar com a grande energia de trabalho do jovem, bem como seu comportamento crítico e honesto. O acadêmico motivado poderá facilmente permanecer muitas horas em atividades por vezes monótonas, sem negligenciar os compromissos discentes. Para tanto, precisará compreender todo o trabalho que está sendo desenvolvido e ter a sua função estabelecida dentro do âmbito de seus conhecimentos. Na eventualidade de lhe ser entregue um projeto de pesquisa, este não deverá ser muito longo, pois o tempo que dedicará para a investigação é efêmero. Também não é prudente realizar investimento financeiro de porte na aquisição de equipamentos caros por conta desse trabalho, a menos que o orientador deci-

da assumir a responsabilidade por concluir a pesquisa após a saída do aluno ou haja a intenção de prosseguir uma linha de investigações que justifique um gasto maior. Para o aprendizado, são melhores os estudos mais curtos e que não impliquem sofisticação metodológica. Essa situação não se contrapõe a que o trabalho seja importante e possa ter resultados de aplicação prática real e útil.

Um erro grave e inaceitável, cometido por alguns “orientadores”, é colocar o estudante no papel de técnico de laboratório ou de secretária. Esse desrespeito absurdo para com um futuro colega mostra o despreparo desses profissionais para a coordenação de pesquisa e desestimula o jovem acadêmico que busca a carreira científica, por nada contribuir para sua formação.

O fato de um indivíduo ser “grande” pesquisador ou médico não implica necessariamente que tenha sensibilidade humanística maior nem competência para orientar, coordenar ou liderar. Confundir esses atributos tem trazido muitos problemas às classes científica e universitária. Não raro, encontramos dirigentes nos mais diferentes níveis institucionais que tentam impor com arrogância (característica maior da pessoa medíocre) suas verdades pessoais a toda uma classe de profissionais sérios e, geralmente, mais competentes do que esses “líderes” - felizmente transitórios.

Por mais interessante seja a pesquisa e por maior aptidão o estudante apresente para essa atividade, o orientador não pode esquecer-se de que a

prioridade é o curso de Medicina. Dessa forma, cabe ao mestre colocar limites à participação do aluno dentro dos grupos de pesquisa e auxiliá-lo no sentido de sua instrução médica. É muito aconselhável que no último ano do curso o aluno dedique-se exclusivamente à preparação para a Residência Médica, etapa indispensável à formação de todo médico, mesmo que, no futuro, venha a se dedicar mais à pesquisa.

Aspectos da pesquisa na pós-graduação

Os estudantes têm na graduação, de certa forma, características uniformes; já o corpo discente da pós-graduação destaca-se pela disparidade. Inicialmente, deve-se separar a pós-graduação *lato sensu*, que engloba qualquer atividade de qualificação profissional realizada após a graduação, sem interesse voltado à pesquisa ou ao desenvolvimento científico. Já a pós-graduação *stricto sensu* tem como função a qualificação científica e como objetivo maior o progresso da ciência e da humanidade em todos os seus aspectos. Divide-se em acadêmica, que visa à qualificação do docente universitário, e profissionalizante, que objetiva formar profissionais destacados para empresas ou que atendam aos anseios de certas camadas da sociedade.

Corpo docente e corpo discente

No geral, são alunos de pós-graduação, entre outros:

SECCÕES

- professores universitários que necessitam de títulos para progredir na carreira;
- docentes que buscam qualificação para ingressar na vida universitária;
- médicos que desejam aprender a docência e a pesquisa;
- pessoas que, por ofício, precisam de títulos para assumir funções específicas em empresas ou atividades sociais de maior destaque;
- profissionais pertencentes a instituições extra-universitárias que necessitam adquirir conhecimentos específicos que possam ser aplicados na rotina de seu trabalho;
- colecionadores de títulos, que visam à obtenção de *status* social;
- egressos de cursos de graduação, desempregados ou que precisam complementar a renda familiar com uma bolsa de estudos.

Mesmo sabendo que toda a atividade médica é uma forma de praticar pesquisa, esta, no seu sentido mais estrito de definição e ante seu compromisso maior, o avanço científico, está mais ligada à pós-graduação *stricto sensu* acadêmica ou profissionalizante. De qualquer modo, é a formação em pesquisa que confere o destaque acadêmico, empresarial e social. E quanto mais qualificada for a massa crítica que constitui qualquer setor universitário ou empresarial, mais forte ele se torna no cenário social. Tal situação mostra nitidamente a

importância que a pesquisa tem para o profissional e para a sociedade.

Ainda no sentido global, deve-se destacar o orientador, que, com sua competência, é o alicerce do curso de pós-graduação e confere a envergadura institucional. As características principais do orientador de pós-graduação são possuir linhas de pesquisa sólidas e preparo didático, além de boa formação ética e moral, evidentemente. Considerando-se que orienta e forma o docente ou o profissional destacado, principais responsáveis pela produção universitária, empresarial ou social, percebe-se sua significativa importância.

Tese

O objetivo maior do curso de pós-graduação *stricto sensu* é capacitar seus alunos a produzir uma tese, pesquisa mais elaborada e, de preferência, original. Ela tem como base a proposição de um tema ou a afirmativa de uma idéia, constituindo a pedra de toque do curso de pós-graduação. Seu preparo, desde a idéia, passando pelo estudo da literatura, estabelecimento do método de trabalho e confecção da pesquisa, confere ao aluno conhecimentos superiores que terão aplicabilidade não apenas em futuras pesquisas, mas também na prática profissional. A coleta dos dados, suas respectivas análises e resultados encontrados, aliadas à redação, amadurecem sobremaneira o espírito científico e humanístico do pesquisador. Esta etapa culmina com a defesa pública perante uma banca constituída por pesquisadores e profissionais experientes.

A seriedade e responsabilidade na condução da tese trazem em si a recompensa de tornar o profissional bem mais preparado como médico e cidadão. Diante da importância da tese para quem a elabora, é fundamental que não seja desprestigiada por um trabalho menor ou por uma banca examinadora menos qualificada. Também não se justifica o “espetáculo teatral” da apresentação pública após uma pré-defesa feita “em sigilo” com a banca. O pós-graduando precisa ser preparado para ter a competência de defender em público suas idéias, além de receber e responder críticas feitas ao trabalho, como uma das práticas universitárias mais nobres.

É lamentável substituir o trabalho de uma tese pela compilação ou análise crítica de literatura, que constitui a dissertação. Em Ciências Humanas, o estudo da literatura e a visão crítica dos fenômenos literários e sociais constituem o importante material que norteia o progresso nesse campo do conhecimento. Por outro lado, levar a dissertação para as Ciências da Saúde tem uma conotação diferente e indica compromisso menor com o desenvolvimento científico. A substituição da tese pela dissertação põe em dúvida a competência do orientador e traz pouco preparo ao aluno que busca a pós-graduação como meio de crescer profissionalmente.

Em contrapartida, dar o nome “dissertação” a uma pesquisa com todas as qualificações de uma tese indica debilidade de conhecimento de quem assim procede e, mais grave ainda, obriga por lei os outros a assim denominar seus

trabalhos científicos. Devemos sempre lembrar que nem todos os que legislam possuem sabedoria e cultura – qualidades, aliás, raramente encontradas nos dirigentes maiores da sociedade contemporânea. São também esses legisladores que extrapolam as próprias limitações intelectuais ao restringir para cinco alunos a cota de cada orientador.

Na pós-graduação acadêmica, a tese está geralmente inserida em uma linha de pesquisa direcionada para questões científicas superiores cuja profundidade depende da infra-estrutura institucional e capacitação do quadro de orientadores. As pesquisas também podem estudar problemas de saúde específicos sem relação direta com uma linha de investigação. Tentar doutrinar que as teses restrinjam-se a trabalhos conduzidos sob linhas predeterminadas de pesquisa confirma as limitações já bem conhecidas de quem ocupa cargos maiores no cenário científico diante dos objetivos reais da pós-graduação.

Já a tese do curso de pós-graduação profissionalizante não tem por objetivo precípuo formar o mestre (professor) nem o doutor (acadêmico), mas sim o mestre (artífice) e o doutor (em atividade profissional específica). Nessa situação, a pesquisa tem finalidade prática de aplicação imediata, visando atender necessidades empresariais ou sociais que levaram o profissional a buscar a pós-graduação. O trabalho da tese, além de conferir o título maior, irá qualificá-lo no domínio em que a pesquisa foi inserida. Este tipo de tese raramente integra uma linha de pesquisa.

SEÇÕES

Publicação da pesquisa

Não importa se o resultado da pesquisa realizada, tanto na graduação quanto na pós-graduação, é destacado ou de importância menor; em qualquer caso, deve ser publicado. Mesmo os resultados negativos ou a falta de resposta às questões formuladas merecem divulgação. Todo trabalho traz algum tipo de contribuição. Até as investigações infrutíferas podem auxiliar outros pesquisadores, prevenindo-os para não repetir a mesma pesquisa, comprovadamente inadequada.

Existem pessoas com idéias para propor e conduzir de forma correta excelentes trabalhos, cujos resultados compensariam o esforço empreendido. Todavia, são incapazes de colocar no papel a pesquisa realizada. Algumas chegam ao extremo da fobia pela redação científica, pondo a perder meses e anos de laboriosa atividade. Para quem não está envolvido nesse processo psicológico, é difícil compreender os bloqueios que impedem grandes pesquisadores de lançar ao público o seu trabalho e se promoverem de forma elegante, correta e merecida.

Esse fenômeno é mais comum com relação às teses, raramente publicadas em revistas. É preciso ressaltar que a tese em si é lida apenas por quem a fez, pelo orientador e pela banca examinadora. Em raras circunstâncias terá um público maior, a menos que seja referência para outra pesquisa dentro da mesma linha. Portanto, é indispensável que a tese seja enviada, resumidamente, para uma revista. Com os

meios de informática atuais, a transformação de uma tese em artigo é fácil, simplesmente seleciona-se as partes mais importantes de cada um de seus tópicos e transfere-os para a confecção do artigo.

A melhor opção seria o autor principal da pesquisa reescrever o trabalho, e os demais membros da equipe auxiliarem sua revisão. Se não dispuser de tempo ou talento para a redação, outro componente pode assumir essa função, reservando ao orientador o papel de rever o manuscrito final. Caso não exista no grupo sequer um membro apto para tal, o orientador pode cumprir essa função.

É inadmissível que uma pesquisa não seja publicada. Tal atitude é prejudicial ao meio científico, leviana em relação aos investimentos sob a forma de bolsas e auxílios e, principalmente, perversa, quando tiverem sido mortos animais ou utilizados seres humanos “em vão”. Nessas circunstâncias, os pesquisadores deveriam ser severamente repreendidos e obrigados a devolver todo o dinheiro oferecido pela consecução do trabalho que, sem divulgação, tornou-se inútil.

Publicar o artigo no exterior não necessariamente deve ser a meta principal de seus autores, apesar de a divulgação em revistas com maior impacto ser mais valorizada e lida. As informações contidas no estudo são mais úteis quando dirigidas à comunidade que tenha real interesse pelo assunto – para tanto, os pesquisadores devem selecionar a revista que melhor a alcance.



Considerações finais

A pesquisa é uma das funções mais nobres do ser humano. Desejar contribuir com a sociedade para a resolução de problemas nos mais diferentes domínios do saber em muito se assemelha a criar uma obra de arte e, até mesmo, à geração de um filho. A formação do médico-pesquisador é um processo lento, onde se faz necessária orientação e muito estudo - que se inicia na graduação e prossegue na pós-graduação.

A investigação cria em quem a realiza um sentido analítico apurado, muito útil à prática clínica e estudos especializados. A ciência pode auxiliar no progresso individual, porém, se não for aliada a um desenvolvimento humanístico maior, o médico, sendo ou não pesquisador, continuará menos qualificado. O trabalho científico pode, ocasionalmente, ter repercussão social e trazer retornos favoráveis, porém a maior recompensa está em vencer o desafio que originou a pesquisa e em sentir-se útil à sociedade por meio de uma atividade honesta.

ANDY PETROIANU

*Doutor em Fisiologia e Farmacologia –
Instituto de Ciências Biológicas/UFMG;
pesquisador do CNPq e professor titular do
Departamento de Cirurgia da Faculdade de
Medicina/UFMG.*



RESENHA

Marcelo Medeiros

Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília

APRESENTANDO O DESAFIO DA BIOÉTICA

A Coleção Primeiros Passos fez parte da formação acadêmica de algumas gerações de profissionais no Brasil. Sua mais recente publicação, *O que é Bioética* (Diniz D, Guilhem D. *O que é Bioética*. São Paulo: Brasiliense, 2002: 69. Coleção Primeiros Passos, 315), será um marco para todos aqueles que se interessam ou pesquisam essa área. Mantendo a linha editorial da coleção, que prima pela linguagem simples e compromisso com a discussão teórica de qualidade, o livro preenche importante lacuna do mercado editorial brasileiro em Bioética, que carece de publicações em língua portuguesa.

Suas autoras, Debora Diniz e Dirce Guilhem, são conhecidas na comunidade bioética nacional e internacional. Debora Diniz foi a primeira pesquisadora brasileira internacionalmente premiada por suas pesquisas bioéticas (recebeu prêmios da Organização Pan-Americana da Saúde e da International Network on Feminist Approaches to Bioethics), além de ser autora de vários trabalhos. Dirce Guilhem, por sua vez, é conhecida por sua atuação educativa no campo da Bioética e da Enfermagem, além de ser representante dos mais importantes órgãos oficiais ou associativos de Bioética no país, como a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) ou a Sociedade Brasileira de Bioética (SBB).

A obra está dividida em quatro capítulos, além da introdução e conclusão. Segundo as autoras, seu objetivo é ousado: "(...) este livro redireciona o estilo tradicional de apresentação da Bioética no Brasil, optando por partir das teorias e de suas críticas, o que permite ao leitor se familiarizar com o assunto e refletir sobre as situações de conflito moral (...)". Ou seja, ao contrário das estratégias tradicionais de apresentação bioética, opta-se por abandonar a

sedução da casuística bioética e parte-se para a sedimentação teórica da disciplina. O resultado é que o leitor se depara com um panorama histórico e analítico do surgimento e da consolidação da Bioética nos Estados Unidos, principal país de pesquisa na área, e no Brasil.

Mas o que quer dizer abandonar a casuística bioética? Segundo as autoras, os pesquisadores bioéticos brasileiros discutem ou escrevem sobre as situações de conflito moral da Bioética, havendo pouco espaço para a discussão teórica sobre os fundamentos da disciplina. Regra geral, analisam casos, como o aborto ou a eutanásia, definindo-se como importadores de teorias dos países onde a pesquisa bioética encontra-se mais avançada. Essa afirmação das autoras pode ser comprovada pelo registro bibliográfico recém-publicado, *Bibliografia bioética brasileira: 1990-2002*, que traz um panorama da produção intelectual brasileira em Bioética: sim, a Bioética brasileira é antes uma análise de situações de conflito moral que mesmo uma discussão teórica sobre como mediar essas situações (1).

A introdução é breve, apresenta essa estratégia de discussão teórica e não-casuística, mas a primeira nota de rodapé é significativa para a pesquisa científica brasileira. Uma das autoras agradece a um parecer anônimo de publicação, recebido em meados dos anos 90, o fato de ter sido conduzida à Bioética. Esse é um ponto importante e raramente discutido na educação superior no Brasil: o papel ocupado pelos editores e pareceristas de revistas científicas. Não

sei quantos leitores perderão alguns minutos neste rodapé, mas, no meu caso particular, esse foi um dos pontos que mais me chamou atenção no livro: o papel fundamental ocupado pelos anônimos educadores das revistas científicas para a promoção ou mesmo definição da pesquisa no país (o que Arthur Meadows chama de “gatekeepers” da pesquisa científica)(2). Se o livro tem mérito, esse mérito também é do periódico responsável por este parecer, *Os Cadernos de Saúde Pública*, um dos mais sérios na pesquisa em saúde pública no Brasil.

O primeiro capítulo, o mais histórico e descritivo de todos, chama-se “O Nascimento da Bioética”. Nele, Diniz e Guilhem descrevem desde a criação do neologismo “bioética”, por Van Rensselaer Potter, até os principais eventos e fatos que marcaram o surgimento acadêmico da Bioética nos Estados Unidos, entre os anos 60 e 70. As controvérsias sobre a paternidade do conceito bioética, se teria sido realmente Potter o seu criador, ou Warren Reich, pela primeira institucionalização da Bioética em uma universidade americana, são neste capítulo apresentadas. Além dessa disputa acadêmica sobre quem seria o patrono da Bioética estadunidense, um tema que foi reacendido após a morte de Potter, em 2001, o capítulo discute ainda a influência dos movimentos sociais organizados para o surgimento da Bioética.

Muito embora trate-se de um capítulo de revisão histórica, as autoras introduzem o que acredito seja a definição de Bioética utilizada